



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**ENTRE A PERSPECTIVA SAINT-SIMONIANA E O ECOFEMINISMO:
UMA ANÁLISE DO CORREIO DA ROÇA (1913), DE JÚLIA LOPES
DE ALMEIDA.**

Deivid Aparecido Costruba*

A proposta deste trabalho é analisar sob o ponto de vista da ótica saint-simoniana e pela crítica ecofeminista o livro *Correio da Roça* (1913), de Júlia Lopes de Almeida. Sabe-se da importância desta escritora na seara intelectual brasileira na virada do século XIX para o XX. Mais do que isso, é notável sua participação política e a adesão de seus livros na educação de moças e senhoras da *Belle Epoque*. Paralelamente, a obra *Correio da Roça* (1913), que segundo a bibliografia sobre a escritora, juntamente com *A Árvore* (1916), *Jardim Florido* (1922) e *Oração a Santa Doroteia* (1923), fazia parte do chamado ciclo verde, obras que se destinavam à orientação ecológica daqueles que as liam. Por um lado, pode-se conceber o compêndio no limiar de uma discussão “ecofeminista”, ou seja, um feminismo ecológico. Por outro, na esteira das ideias utópicas do filósofo francês *Saint Simon* (1760-1825), que reservava um papel crucial para a igualdade entre sexos, pode-se anotar a representação de uma “missão” feminina na sociedade. Além disso, o escritor concedia à mulher o lugar mais amplo no convívio social; em uma sociedade de futuro, a igualdade entre sexos era tão necessária quanto pôr fim à exploração dos

* Licenciado, Mestre e Doutorando em História - Programa de Pós-graduação em História - Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP - Univ. Estadual Paulista, Campus de Assis - Av. Dom Antonio, 2100, CEP: 19806-900, Assis, São Paulo - Brasil. Bolsista: CNPQ. E-mail: costrubahistunesp@hotmail.com; dcostruba@yahoo.com.br.

operários pelos patrões. Ao considerar este solo comum, objetiva-se refletir sobre o papel das personagens da obra em espaços culturalmente percebidos como identificadores de masculinidade, como o trabalho braçal no campo, o que tangencia a (re)construção destes mesmos lugares pelo sexo feminino.

A escritora de *Correio da Roça*, à época, com certa notoriedade literária e respeitada entre seus pares, teve o objetivo de instruir as moças sobre as lides do campo, o que conseguiu realizar por meio de suas intituladas obras “verdes”. Além dos conselhos ecológicos e os entendimentos sobre a vida cotidiana na zona rural, pode-se afirmar que o modo como foi criada e a família da qual pertenceu, colaboraram para sua eficácia literária e para o sucesso de vendas, confirmado ainda pelo crítico da revista paulistana *Chácaras e Quintais*¹, que na ocasião da primeira edição do periódico, apontou-o como se valesse um Ministério da Agricultura (ALMEIDA, 1987, p. 26). Ainda no que se refere ao sucesso de vendas, em prefácio para a sexta edição, Júlia Lopes de Almeida, comentara a impressão que o livro suscitou de norte a sul do país. Muitas cartas foram enviadas à literata ao relatar casos de reconciliação. Na carta,

Relatava um marido cuja esposa não queria abandonar a cidade, enquanto ele labutava rudemente na fazenda, que fora com inefável surpresa que vira chegar um dia a ele, resolvida a compartilhar do bom e do mau, conforme frase sua, na colaboração dos seus trabalhos. Mostrando-se espantado de tal resolução, a mulher limitou-se a mostrar-lhe uma brochura do *Correio da Roça* e dizer-lhe: - Quero ver se é verdade o que está escrito aqui... Tinha ocorrido esta cena havia mais de um ano e ela continuava distraída que tomara a seu cargo. (ALMEIDA, p. 25, 1987).

Nascida² em vinte e quatro de setembro de 1862, Júlia Lopes era filha de Antônia Adelina Pereira, natural de Lisboa e do médico português Valentim Lopes. Primeiramente a família mudou-se para Nova Friburgo, na qual com poucos anos de idade a escritora aprendeu a ler e escrever com a mãe. Após a estada em Nova Friburgo, a família mudou-se para a cidade de Campinas em 1869. Desde menina demonstrou forte inclinação para as letras, embora em seu tempo, não fosse de bom tom e do agrado dos pais uma mulher dedicar-se à literatura. Quando pequena, foi delatada por sua irmã ao seu pai porque fazia

¹ Foi uma revista criada em 1909 pelo italiano Amadeu Amadei Barbiellini. Voltada para instruir as tarefas do campo, com linguagem de fácil entendimento pelos leigos, trazia artigos de cunho científico, os quais muitos autores renomados publicavam.

² Os registros biográficos, bem como as informações sobre a obra de Júlia Lopes de Almeida foram extraídos de (COSTRUBA, 2011).

versos: ”- Papá, a Júlia faz versos! [Ao que Júlia confessa]: (...) tinha uma grande vontade de chorar, de dizer que nunca mais faria essas coisas feias”. (RIO, 1994, pp. 28-37)

A sua condição feminina a impedia de escrever, pois a pressão e coerção social a amedrontavam. Nas palavras de Júlia:

Pois eu em moça fazia versos. Ah! Não imagina com que encanto. Era como um prazer proibido! Sentia ao mesmo tempo a delícia de os compor e o medo de que acabassem por descobri-los. Fechava-me no quarto, bem fechada, abria a secretária, estendia pela alvura de papel uma porção de rimas (...). De repente, um susto. Alguém batia a porta. E eu, com a voz embargada, dando voltas à chave da secretária: Já vai! Já vai! (RIO, p. 29, 1994).

Na mesma Campinas, Júlia iniciou sua carreira literária no jornal *A Gazeta de Campinas* em sete de dezembro de 1881. Cabe destacar que a citação acima faz parte da resposta dada por Júlia Lopes sobre sua infância e educação a João do Rio³ em um inquérito no qual o cronista entrevistou grande parte da intelectualidade da época, momento em que esses literatos responderam sobre literatura, jornalismo e profissionalização do homem de letras.

A escritora colaborou ainda em jornais e revistas femininas e na revista *A Semana*, editada no Rio de Janeiro e dirigida por Valentim de Magalhães e Filinto de Almeida⁴, jovem escritor português. Desta relação nasceu um romance entre Júlia e

³ Intelectual importante na virada do século XIX para o XX, João do Rio, pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, publicou inúmeras obras como o referido inquérito (VER RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Depto. Nacional do Livro, 1994), além de outras obras que as glórias e as misérias do Brasil republicano em plena Belle Époque (VER RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997).

⁴ Francisco Filinto de Almeida nasceu na cidade do Porto, em Portugal, no dia 4 de Dezembro de 1857. Desembarcou a 15 de janeiro de 1868 na cidade do Rio Grande, quando tinha dez anos de idade e de lá transferiu-se para o Rio de Janeiro, e aportou na cidade em 17 de abril do mesmo ano. Empregou-se como caixeirinho em uma papelaria. Estreou como literato aos 19 anos, ao escrever o entre ato cômico *Um idioma*, que foi representado em 16 de julho de 1876 no Teatro Vaudeville. É provável que antes houvesse colaborado em jornais e revistas. Em 1887, publicou *Os mosquitos*, monólogo cômico em versos e *Lírica*, composições de 1810 a 1887. Fundou com Valentim de Magalhães o jornal literário *A Semana*, em que escreveu, de 1886 a 1887, crônicas hebdomadárias, com o pseudônimo de Filindal. Redator de *O Estado de S. Paulo*, de 1889 a 1895. Deputado à Assembléia Legislativa de S. Paulo, de 1892 a 1897. Escreveu, em colaboração com a esposa em folhetins no *Jornal do Comércio*, o romance *A Casa Verde*. Foi considerado brasileiro em virtude da lei da grande naturalização. Esta referiu-se ao procedimento adotado pela Constituição de 1891 (a primeira Constituição da República) que, em seu artigo 64, § 4º estabelecia que seriam considerados "cidadãos brasileiros os estrangeiros que, achando-se no Brasil aos 15 de novembro de 1889, não declararem, dentro de seis meses depois de entrar em vigor a Constituição, o animo de conservar a nacionalidade de origem". O marido de Júlia Lopes de Almeida foi ainda um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, e ocupou a cadeira de nº3, cujo patrono foi Artur de Oliveira, de quem fora amigo. Filinto morreu em 28 de janeiro de 1945 de insidiosa moléstia na então Capital Federal – RJ.

Filinto. Após o casamento dos dois, em 28 de novembro de 1887 na cidade de Portugal, o casal voltou para a cidade de Campinas e anos depois mudaram para o Rio de Janeiro.

A estreia da escritora na vida literária foi com a produção *Contos Infantis* (1886). Uma obra de sessenta narrativas em verso e prosa, escritas em colaboração com sua irmã, Adelina A. Lopes Vieira e destinadas à diversão e instrução da infância. Com o sucesso imediato, publicou também outras obras dentro da linha nacionalizante e didática. São exemplos *Histórias de Nossa Terra* (1907), *Era uma vez* (1917) e *Jardim Florido* (s/d).

Júlia teve apoio do marido e incentivo para seguir na carreira literária. Em 1891, iniciou como romancista em *A Família Medeiros* (publicado em folhetins na *Gazeta de Notícias* – RJ e livro em 1919). Seguiram-se vários outros títulos: *A Viúva Simões* (1897); *Memórias de Marta* (1899), *A Falência* (1901), alternadas com peças de teatro que eram representadas, em geral por grupos amadores em saraus sociais. “Com seu novo livro *A Falência*, a sra. D. Júlia Lopes de Almeida toma decididamente lugar ... entre os nossos romancistas.” (VERÍSSIMO, p. 141-151, 1910). Atenta à condição da mulher na sociedade, em 1906, publicou o *Livro das donas e donzelas*.

Já em 1913 foi a vez de *Correio da Roça* (1913), obra que esboçava a condição da maioria das mulheres da *Belle Epoque* carioca no início do século XX. Enquanto o homem estava nas ruas, absorvia a realidade pública, era ativo na política e no debate, à mulher era relegado o privado o tom intimista do segredo, ao se tornar alheia reproduzia aquilo que era dito e representado pelos outros.

Nessa atmosfera do privado e do secreto os diários e as cartas tomaram forma e encontraram terreno fértil para se desenvolverem, sejam em tom de desabafo ou até mesmo para comentar algo criticamente. Mas a partir das generalidades, têm-se as diferenças. O diário é algo intimista, guardado a “sete chaves”, muitas vezes preterido ao público. Já a carta, é algo que sugere um diálogo entre duas ou mais pessoas, não chega a ser público, mas foge da esfera intimista. Como bem apontou Sylvia Perlingeiro Paixão, “a carta vai se diferenciar do diário a partir do momento em que deixa de ser um solilóquio: a correspondência supõe um diálogo, uma troca de informação a dois” (PAIXÃO, 1987, p. 12).

Mais do que isso, este tipo de texto mostra como o narrador está envolvido ao exemplificar o que aconteceu ontem, ou até mesmo minutos antes da escrita. Seguem-se

as ações: escrita/confissão entre interlocutores que estão separados temporal e geograficamente.

Assim nasce o romance epistolar, do qual a escritora Júlia Lopes de Almeida é tributária. Anterior ao romance propriamente dito (final do século XVII e início do século XVIII), a escrita por meio de cartas é uma forma popular que foi usada para compor narrativas, tendo se firmado na França e na Inglaterra, devido ao desenvolvimento dos correios nestas regiões. Mais uma vez, alerta Sylvia Paixão, que as cartas eram lidas cuidadosamente e lidas com prazer não só pelo destinatário, bem como por seus amigos, o que tornava esta forma ainda mais popular. (PAIXÃO, 1987, p. 13).

No Brasil o surgimento do romance epistolar ocorre no fim do século XIX, após a Abolição da Escravidão e da Proclamação da República, num período de efervescência cultural. Momento também do qual a mulher e a literatura feminina buscaram espaço fora dos círculos domésticos, em outras palavras, procuravam uma identidade.

Ao considerar este solo comum, em 1913 veio a público *Correio da Roça*, romance epistolar cuja função era instruir. Isto se dá por meio de seus personagens, sendo os principais Maria e Fernanda, as quais trocam cartas sucessivas. Além delas, têm-se as filhas de Maria (Cecília, Cordélia, Joanhina e Clara).

Devido a problemas financeiros, Maria e suas quatro filhas se veem obrigadas a fugir da cidade e morarem em sua propriedade rural, fato que as desgostam profundamente:

Aqui vivemos sem humilhação, é verdade, mas como enorme tristeza e curtos haveres. Minhas filhas, coitadas, passam o dia bocejando e desaprendendo o que estudaram no colégio. De que lhes valerão agora as prendas com que se ornaram para brilhar na sociedade? O imenso casarão em que moramos tem ares de convento velho no meio de um terreiro árido e melancólico. (ALMEIDA, p. 30-31, 1987).

É a partir deste momento que se pode perceber uma intersecção entre o feminismo e a ecologia, em outras palavras, um real ecofeminismo na obra de Júlia Lopes de Almeida. Cumpre lembrar, que a ecologia⁵ surgiu na segunda metade do século XIX, relativamente atrasada em relação às outras ciências naturais, o que se deve, no plano histórico-social, ao desenvolvimento da sociedade industrial, com os entusiasmos e a

⁵ Aqui se entende a área da ciência que estuda as relações entre os seres vivos e o meio ambiente em que vivem, bem como suas recíprocas influências.

euforia de domínio sobre a natureza e, também, com os consequentes problemas causados pela expansão das indústrias.

Sob esta ótica, algumas intersecções vêm à mente: sabe-se que a obra foi escrita no contexto histórico-social do Rio de Janeiro na Primeira República. Considera-se também, que a política econômica brasileira era a agroexportadora, a qual somente foi substituída gradualmente pelo nacional-desenvolvimentismo, isto é, pela industrialização nacional, após a posse de Vargas na década de 1950. Chega-se, então, a conclusão: estaria Júlia Lopes de Almeida antecipando algumas questões/preocupações com o meio ambiente em meados da segunda década do século XX? E, neste sentido, reordenando as ideias sobre feminismo no Brasil⁶.

O que se tem *a priori*, é que Júlia Lopes teve um diálogo profícuo entre feminismo e a ecologia. Em *Correio da Roça*, a sua maneira, a personagem Fernanda ensina Maria o bem viver e o perfeito equilíbrio entre mulher/natureza. Pode-se concluir que a obra sinaliza a simbiose entre mulher/natureza, na busca do autoconhecimento, da sua identidade em contato com elementos femininos, deixando de lado o caráter feminista/combativo em segundo plano⁷.

Neste sentido, não seria desmedido, apontar o romance *Correio da Roça* como antecipatório de algumas questões do binômio mulher/preocupação com a natureza. Desta forma, o mundo concebido por Júlia Lopes, sob a forma de romance epistolar, aponta para a uma intersecção mulher/natureza. Cabe lembrar, a relação das mulheres com a natureza é bem antiga. Uma das primeiras representações divinas criadas pelos seres humanos foi a figura da “Deusa”, que representava a “mãe terra”, criadora primária, Gaia. Segundo Júlia Lopes, era imprescritível o contato da mulher com o mais feminino dos elementos, a terra. Assim, entendia que o “campo brasileiro será eternamente triste se a mulher educada que o habita não se interessar pela sua fartura e sua poesia” (ALMEIDA, p. 29, 1987).

⁶ Este texto não esmiuçar tal questão, por motivo de tempo e de proposta temática.

⁷ Percebe que a obra não sinaliza qualquer combate ao patriarcado de maneira incisiva. O feminismo lá se desenha de maneira tênue, ao possibilitar uma vida de mulheres no campo quase que de maneira autogestionária. Cabe frisar também, que a literatura acerca do ecofeminismo o configura como um processo ocorrido na Europa no final do século XX, graças ao feminismo combativo de *Françoise d'Eaubonne* (analisado na obra *Le féminism ou la Mort*, no ano de 1974). Muito tempo depois da publicação da obra aqui analisada. Além disso, a proposta alhures era conter a opressão exercida às mulheres bem como a destruição da natureza.

Paralelamente, a obra mostra Maria inconformada com a situação no *Remanso*⁸. Maria indaga-se sobre a validade de ter investido na educação de suas filhas, sendo que, a partir de agora, apenas se interessariam por plantar batatas e outras culturas.

Eu mesma pergunto: valeria a pena, para chegar a esse resultado, ter eu gastado tanto dinheiro com a sua educação e ter sofrido uma separação tão longa durante todo o tempo em que estiveram de pensionista no colégio? Para se plantarem batatas e criarem aves domésticas, não é absolutamente necessário aprender-se francês, inglês, piano ou desenho. (ALMEIDA, p.37, 1987).

Para os mais íntimos ao universo literário de Júlia Lopes, sabe-se muito bem que a instrução é sua pedra de toque. Ao dar voz a Fernanda, a autora também mostra sua indignação. Parece elucidativo recorrer às palavras de Sevcenko:

[...] todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo – e é destes que eles falam. Fora de qualquer dúvida: a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover; mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade dos seus frutos não depender das características do solo, da natureza, do clima e das condições ambientais. (SEVCENKO, p.29, 2003).

Assim, ao retomar a obra, Fernanda responde à Maria acerca da instrução:

[...] tuas filhas teriam menos necessidade de instrução se vivessem de valsa em valsa nos salões de nossa capital, do que morando num meio inculto, e onde a influência de sua instrução se pode fazer sentir de modo radical e perfeito. Do que aprenderam nada fica inútil. O inglês e o francês servir-lhes-ão para leituras de revistas, livros, jornais e para se entenderem com os colonos dessas línguas, se por acaso alguns, forem ter a essas paragens, a música as fará compreender com redobrado sentimento toda a doçura dos sons, dispersos mas concordantes, na harmonia da natureza; o desenho as habilitará à apreciação visual das coisas e à execução dos planos e mapas de que tenham necessidade para a formação dos seus campos de cultura, dos seus pomares ou dos seus jardins. (ALMEIDA, p.41, 1987).

Percebe-se o contraste dos dois mundos. A cidade, um local fútil, no qual as mulheres possuem cultura, mas a desperdiça nas valsas e *soirées* entusiasmadas. Já o campo é o lugar em que a mulher encontra a sua identidade, a sua função social. Fernanda ainda escreve que poderia dar muitos exemplos para elucidar sua argumentação. Talvez

⁸ Nome dado à fazenda onde se encontrava a família de Maria.

em breve, enviaria um ensaio sobre pomologia⁹ e destaca os lucros que os laranjais da Califórnia têm dado aos norte-americanos. Segundo Fernanda:

[...] só no ano de 1907, esses benéficos laranjais mandaram para mercados estrangeiros nada menos de 413.696 toneladas de frutas, que encheram 81.640 vagões das vias férreas! ... Sem vaidade, contudo, deixem-me perguntar em que parte do mundo a laranja será melhor que a nossa? Posso afirmar que em nenhuma. Nem tão boa. Essas mesmas da Califórnia, que se desmancham em dólares para seus donos e que são filhas das nossas, sou capaz de jurar que não conservaram no país de adoção a doçura nativa. (ALMEIDA, p.42, 1987).

Segundo a escritora, as primeiras mudas de laranja plantadas na América do Norte têm origem na Bahia (ALMEIDA, p.42, 1987). Cabe lembrar também, que na sexta edição de *Correio da Roça* a escritora acrescenta uma nota dizendo que “atualmente, 1933, a exportação de laranjas do Brasil é importantíssima. Teriam contribuído as edições anteriores deste livro?”. (ALMEIDA, p.165, 1987). Em informações extraídas pelo estudo de Marcos Fava Neves,¹⁰ o suco de laranja originário do Brasil é conhecido por sua elevada qualidade e o país se enquadra desde as últimas décadas como o maior exportador e importador do mundo, detendo aproximadamente cinquenta e três por cento da produção mundial. Deste modo, sem uma pesquisa mais acurada é impossível responder se teriam ou não as edições anteriores de *Correio da Roça* contribuído para o aumento da produção de laranja. Ou ainda, se após o acontecimento deste episódio proporcionou e impulsionou o país para o empreendedorismo internacional. Sabe-se que o problema é bem mais complexo, e que envolvem inúmeras esferas, sejam sociais, econômicas, políticas, e até mesmo financeiras. Porém, pode-se afirmar que os ditos e os escritos de D. Júlia permaneceram no imaginário de seus leitores.

Uma das grandes preocupações dos fazendeiros em fins do século XIX e início do XX foi a substituição da mão de obra. A vinda de milhares de europeus para trabalharem nas lavouras foi uma das medidas tomadas, além da urbanização de vias e acessos aos locais de maior movimentação. Porém, em lugares mais remotos as condições eram precárias para os colonos. Como resultado disso, Fernanda cita à amiga Maria o relatório do *Instituto Colonial de São Paulo*, que à época, fora publicado na revista *Itália*

⁹ Estudo das árvores frutíferas.

¹⁰ Informações encontradas no site da CITRUS – BR (Associação Nacional de Sucos Cítricos). Marcos Fava Neves é professor da FEA/USP Ribeirão Preto. <http://www.citrusbr.com/exportadores-citricos/producao-de-suco/historico-262683-1.asp> Acesso em: 20/07/2014.

e Brasil, na qual oferecia orientações para o bem estar dos colonos. Pontua entusiasmada a indagação do Sr. Eduardo Loschi: “é possível melhorar a situação dos colonos nas fazendas?” (ALMEIDA, p.121, 1987). A resposta afirmativa do relator é pautada por tópicos importantes para a reorganização uma comunidade agrícola. Entre as inúmeras indicações:

A primeira de todas é, já se vê, a higiene. Devendo, para isso, serem as casas dos colonos construídas de modo que o ar e a luz penetrem nelas abundantemente, ao mesmo tempo que, pelo bom funcionamento de suas portas e janelas, possam resguardar seus habitantes das intempéries. A água potável é um dos principais elementos de saúde de qualquer localidade... não é obra de dispêndio excessivo um reservatório cavado em lugar alto, na própria terra, sendo a parede de remate construída de pedra e areia grossa, para servir de filtro natural às impurezas da água (ALMEIDA, p.121-122, 1987).

Além dessas, orientações como a necessidade de uma farmácia, a construção de escolas, o trabalho no campo, a contabilidade da fazenda, os produtos agrícolas, bem como a forma de pagamento e o contrato com o colono eram as pautas do relatório. Como já observado anteriormente, as palavras do crítico de *Chácaras e Quintais*, não sem razão, ao apontar o livro aqui analisado como válido por um Ministério da Agricultura, não foram em vão, ao notar que o livro, cujas reedições chegaram até a sétima, puderam orientar as famílias de agricultores leigos sobre o bem estar no campo.

A cada página, o romance epistolar de Júlia Lopes mostra, seja por meio do trabalho no campo ou da força de vontade de mulheres em busca de uma identidade em construção, o poder do binômio mulher/campo. As filhas de Maria casam, outras continuam no Remanso, mas a paixão pela terra continua a mesma.

Agora ninguém quer acompanhar-me à capital! Cordélia lamenta deixar a sua escola; Clara, os seus pássaros, as galinhas e marrecos de Pekin, as danças do terreiro e seus ensaios de música com as crianças da Colônia. Só Joanhina quer ir comigo, manifestando, todavia, pena de deixar o seu pomar, o jardim, as suas plantações de cereais... Compara esta carta à primeira que te escrevi e vê de que milagres é capaz o trabalho! (ALMEIDA, p.163, 1987).

O limiar de um possível ecofeminismo na obra de Júlia Lopes de Almeida, faz-se na percepção de que a ajuda mútua entre as interlocutoras das cartas não sofre interferência dos homens. Apenas em raras exceções, os homens têm voz na narrativa. Mesmo que a tenham, são pouquíssimas e em passagens coadjuvantes. Fernanda, Maria, Cecília, Cordélia, Joanhina e Clara formam um caleidoscópio feminino de subjetividades

distintas que se transmutam em confissão. Ao considerar este solo comum, as ideias socialistas utópicas do filósofo francês *Saint Simon* (1760-1825), compactuaram com a narrativa de Júlia Lopes ao conceder à mulher o lugar mais amplo no convívio social. Segundo o francês, em um dado local de futuro, no qual existisse igualdade entre os sexos, era necessária, *a priori*, a chamada “missão feminina” na sociedade. Na obra, vê-se claramente a tal “missão”, por meio do convívio entre as mulheres, as quais se relacionam, trilham seus próprios caminhos e, se utilizam da instrução para viver em uma vida de bem estar: são subjetividades femininas que se cruzam, entrecruzam e interferem no seio social.

Por fim, tanto o possível proto-ecofeminismo quanto as ideias de *Saint-Simon*, lembradas no presente texto são a oportunidade que se pode repensar as estruturas patriarcais de submissão às mulheres e a desenfreada expropriação da terra propiciada pelos homens. Mais do que isso, pode-se arriscar que a obra, ora analisada, possui certo vanguardismo ecofeminista ao tratar de preocupações que serão debatidas na segunda metade do século XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Correio da Roça*. Rio de Janeiro: Presença Edições: Brasília: INL – Instituto Nacional do Livro, 1987.

ANGELIN, Rosângela. Gênero e meio ambiente: a atualidade do ecofeminismo. *In: Revista Espaço Acadêmico* n°. 58. ano n° 5. Disponível em: www.espacoacademico.com.br/058/58angelin.htm. Acessado em: 02 de julho de 2014.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

COSTRUBA, Deivid Aparecido. *CONSELHO ÀS MINHAS AMIGAS: os manuais de ciências domésticas de Júlia Lopes de Almeida (1896-1906)*. 2011. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista.

DI CIOMMO, Regina Célia. *Ecofeminismo e Educação Ambiental*. São Paulo: Editora Cone Sul, 1999.

FREIRE, Maria Marta de Luna. *Mulheres mães e médicos: discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920)*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2006.

GIULIANI, Gian Mario. *Sociologia e Ecologia: Um Diálogo Reconstruído*. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 1, 1998. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581998000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20/10/2014.

GRIECO, Agripino. Contistas maiores e menores. IN: _____. *Evolução da prosa brasileira*. São Paulo: José Olympio, 1947. v.3.

LURIE, Alison. *A linguagem das roupas*. RJ: Rocco, 1997.

MIES, Maria e SHIVA, Vandana. *Ecofeminismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1993

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*. 2ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

PAIXÃO, Sylvia Perligeiro. Introdução. IN: ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Correio da Roça*. Rio de Janeiro: Presença Edições: Brasília: INL – Instituto Nacional do Livro, 1987.

RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Depto. Nacional do Livro, 1994.

ROQUETTE, J. I. *Código do Bom-Tom, ou Regras da civilidade e de bem viver no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VERÍSSIMO, José. Um romance da vida fluminense. IN: _____. *Estudos de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910.



História Cultural